



Representações e Vivências da Interculturalidade: Grupos de Discussão com Jovens em Portugal¹

Francine Oliveira²

Rosa Cabecinhas³

Resumo: Este artigo visa apresentar os resultados preliminares da análise de grupos focais realizados no âmbito de um projeto de doutoramento em Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, intitulado *Perspetivas sobre a Diversidade Cultural: Discursos, Representações e Vivências da Interculturalidade*. Nesta fase, foram analisados os discursos e os significados da diversidade cultural junto de estudantes, portugueses e estrangeiros, frequentando universidades portuguesas. Procurou-se averiguar o tipo de dificuldades sentidas na interação entre distintas nacionalidades e culturas. A escolha pelas entrevistas aos estudantes justificou-se pelo facto de portugueses e estrangeiros estarem num espaço de convívio comum, a universidade, e à partida, usufruírem das mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e intercâmbio cultural.

Palavras-chave: Comunicação intercultural, Diversidade Cultural, mobilidade internacional, ensino superior, Discursos, Representações Sociais

Abstract: This paper aims to present the preliminary results of the analysis of the focus group conducted within the PhD project in Communication Sciences at the University of Minho, entitled *Perspectives on Cultural Diversity: Discourses, Representations and Experiences of Interculturality*. At this stage, the discourses and the meanings of cultural diversity for students of Portuguese universities were examined. An analysis of the representations of Portuguese and foreign students on cultural diversity was undertaken. An understanding of the difficulties in the interaction of different nationalities and cultures was sought. The choice to interview students was justified by the fact that Portuguese and foreigners do share a common space, the university, and at first, benefit from the same opportunities of access to knowledge and cultural exchange.

Keywords: Intercultural communication, Cultural Diversity, University Students, Discourses, Social Representations

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir alguns resultados preliminares do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento em Ciências da

¹ Trabalho apresentado no GT – Estudos Culturais e de Género do VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS), francine.rdeoliveira@gmail.com

³ Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, cabecinhas@ics.uminho.pt

Comunicação, área de especialização em Comunicação Intercultural. O tema do estudo intitula-se *Perspetivas sobre a Diversidade Cultural: Discursos, Representações e Vivências da Interculturalidade*. A investigação está a ser realizada no Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), referência SFRH/BD/60423/2009.

A Interculturalidade é um conceito que pretende suprir as lacunas de conceitos anteriores como o Relativismo Cultural e o Multiculturalismo. O Relativismo Cultural propunha a *tolerância* face às diferentes expressões culturais das outras comunidades. Segundo Lamo de Espinosa e colaboradores (1998) “os relativistas culturais crêem que o facto de que distintas culturas tenham diferentes visões do mundo não autoriza supor que umas sejam ‘boas’ e outras ‘más’”.

O Multiculturalismo assumia a existência de uma variedade de culturas numa determinada sociedade mas que não promovia necessariamente a sua integração. No multiculturalismo integrado (Canadá) as medidas sociais estão fortemente associadas ao reconhecimento cultural enquanto no multiculturalismo fragmentado (EUA), existe dissociação entre o reconhecimento cultural e as medidas sociais na luta contra as desigualdades (WIEVIORKA, 2001).

O modelo de aculturação proposto por de Berry (1997) considera que o melhor equilíbrio nas relações intergrupais em sociedades ou contextos sociais marcados pela diversidade cultural pode ser conseguido através de estratégias de integração, onde os grupos minoritários conservam a diferença do seu património cultural e, ao mesmo tempo, respeitam e adotam os valores da sociedade de acolhimento. No entanto, este equilíbrio é muito difícil de alcançar e diversas limitações têm sido apontadas a este modelo (e.g., CABECINHAS, 2007; ZLOBINA & PÁEZ, 2008).

De acordo com Rocha-Trindade (1998, p.12) a Interculturalidade é

Um juízo de existência: num mesmo espaço físico ou conceptual coexistem pessoas diferentes, portadoras de diferentes culturas (em termos de memórias, referências, valores, gostos e inclinações; projectos, expectativas, anseios; vivências, práticas e atitudes) mas que mutuamente reconhecem o seu direito a viver em comum.

Nos últimos anos têm sido efetuados importantes estudos dedicados a analisar as representações dos imigrantes e das minorias étnicas nos *media* nacionais (e.g. FERIN CUNHA; SANTOS; FILHO & FORTES, 2008) e internacionais (e.g. VAN DIJK, 1997). No entanto, são ainda muito escassos os estudos sobre a receção das notícias e a forma como as crenças e representações sociais veiculadas pelos *media* são apropriadas

pelos jovens e quais as suas implicações na comunicação interpessoal quotidiana (e.g. CARVALHEIRO, 2008; CABECINHAS, 2007; FERIN CUNHA, 2006).

Os grupos focais e a diversidade cultural

Com intuito de discutir diferentes perspetivas sobre a diversidade cultural e a interculturalidade, este artigo se debruçará sobre os dados recolhidos a partir das dinâmicas dos grupos focais. Exporemos alguns fragmentos de relatos provenientes destas discussões em grupo e uma reflexão preliminar acerca dos resultados obtidos.

Os grupos focais têm como objetivos recolher informação sobre aspetos ainda pouco explorados acerca de determinados temas. No nosso entender, os grupos focais contribuem para aprofundar o contexto: ajudam a analisar o *background* dos pensamentos, emoções e trajetórias pessoais; a compreender os processos de (re)construção identitária e como estes moldam e são moldados pelas experiências quotidianas. No que respeita à interpretação, os grupos focais facilitam o acesso a uma compreensão mais rica e matizada dos fenómenos (CABECINHAS, 2009; LOBO & CABECINHAS, 2010).

Com a realização dos grupos focais, pretendeu-se averiguar os discursos e os significados da interculturalidade para os estudantes de Ensino Superior em Portugal. Procurámos analisar e compreender as representações dos estudantes portugueses e estrangeiros sobre a problemática da diversidade cultural através dos relatos das suas vivências e experiências quotidianas de interculturalidade. A escolha do público-alvo justificou-se pelo facto de os estudantes portugueses e estrangeiros estarem num espaço de convívio comum, a universidade. E, à partida, usufruírem das mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e intercâmbio cultural.

Com os grupos focais, procurámos perceber quais as dificuldades sentidas na interação entre estudantes de diferentes nacionalidades e culturas e quais as eventuais resistências à interculturalidade. Outro intuito foi o de verificar o nível de satisfação por parte dos estudantes relativamente à divulgação da cultura do seu país de origem.

A realização dos grupos focais seguiu determinadas etapas. A começar pela preparação de guiões que foram adequados ao perfil dos participantes. Na construção dos guiões foi tido em conta a importância de se levantar as mesmas questões, em todos

os grupos, aos participantes provenientes de países distintos. Foi elaborado um guião matriz, com tópicos definidos, mas flexível de forma a possibilitar a construção de sub-guiões ajustados aos variados perfis de participantes (para aquele que está no seu país de origem e para o estrangeiro). Assim as perguntas foram apresentadas a todos participantes mas adaptadas à realidade e ao contexto de cada um dos grupos deles. Por esta razão, foram elaborados sub-guiões direcionados para grupos focais compostos somente por estudantes portugueses ou somente por estrangeiros ou ainda guiões para grupos mistos (compostos por estrangeiros e portugueses).

Para garantir um melhor entendimento linguístico entre os participantes, os grupos foram compostos preferencialmente por estudantes que tivessem o idioma português como língua materna. Em algumas situações excecionais, participaram estudantes que não tinham a língua portuguesa como materna mas que tinham fluência do idioma português, sendo compreendidos linguisticamente pelos outros participantes. Com autorização dos participantes, as dinâmicas de grupo foram gravadas e, posteriormente foi efetuada a transcrição destas entrevistas.

Após esta fase, foi delineada uma grelha inicial com os dados e o perfil dos participantes. Contudo, numa próxima etapa, após reunir toda informação, será construída uma base de dados mais alargada que servirá para uma análise mais pormenorizada do material total.

Nesta atual fase do trabalho, a amostragem dos grupos focais não está concluída. Prevê-se realizar outros grupos de discussão e/ou entrevistas que incluam estudantes provenientes dos países de língua portuguesa (CPLP) que não constaram nesta fase do trabalho.

Realizar estas dinâmicas de grupo tem como propósito aprofundar a compreensão de alguns processos discursivos dos estudantes que vivenciaram uma experiência de intercâmbio cultural fora do seu país de origem quer fossem estudantes portugueses quer fossem estrangeiros.

As representações e as vivências da interculturalidade

Neste artigo, apresentaremos dados recolhidos em duas sessões de grupos focais, em que cada grupo foi constituído por participantes de uma mesma nacionalidade,

sendo um constituído por estudantes portugueses e o outro por estudantes cabo-verdianos. Ambos os grupos focais foram realizados na cidade de Braga em outubro de 2010.

Como já dissemos anteriormente, com alguns fragmentos de relatos, procuraremos detetar e perceber: os discursos e os significados da interculturalidade para os estudantes de universidades portuguesas; as representações dos estudantes portugueses e estrangeiros sobre a diversidade cultural.

Analisaremos esses fragmentos a fim de verificar: quais as eventuais dificuldades sentidas na interação de distintas nacionalidades e culturas; quais as eventuais resistências à interculturalidade; qual o nível de satisfação por parte dos estudantes relativamente à divulgação da cultura do seu país de origem.

De forma a estabelecer uma comparação entre os relatos dos estudantes dos diferentes grupos optámos por nos centrar, neste trabalho, em apenas três aspetos: às imagens que estes estudantes têm do “outro” (proveniente de outros países e/ou culturas); às imagens que acham que o outro tem de si e do seu grupo de pertença (país de origem, nacionalidade); às imagens que têm de si mesmos.

As discussões em grupo decorrentes destes três tópicos surgiram após os estudantes serem confrontados com perguntas específicas sobre estas questões e também, de forma espontânea, sem que lhes fossem feitas perguntas diretamente direcionadas aos temas.

Passamos a descrever alguns relatos provenientes das discussões em grupos. De seguida faremos uma reflexão preliminar acerca dos resultados obtidos.

Os discursos dos estudantes universitários

O fragmento que se segue vem a propósito de uma discussão do grupo composto por portugueses acerca das diferenças culturais entre o “povo português” e o “povo francês”. Esta explanação surgiu de forma livre, sem que tivesse sido feita alguma alusão específica sobre este assunto por parte do moderador do grupo.

A primeira intervenção que apresentamos é da Participante 8, que nasceu em França, permanecendo lá nos seus três primeiros anos de vida, indo depois viver para Portugal com os seus pais, que haviam sido emigrantes naquele país. A estudante

explicou sobre a sua experiência de ter aprendido, em simultâneo, os dois idiomas (português e francês), o que na perspetiva dela, facilitou a sua integração em Portugal. Em contrapartida, referiu a dificuldade sentida pelos colegas, que também vieram de França e só sabiam o idioma francês, para se integrarem com os portugueses.

No seguimento desse relato, a Participante 8 disse:

(...) o povo português é completamente diferente do povo francês. Acho que o povo português acolhe.

Após esta afirmação, inicia-se uma calorosa discussão, na qual vários participantes falam ao mesmo tempo. Eis algumas reações imediatas:

Participante 6: *É o povo português!*

Participante 8: *Consegue acolher melhor as outras culturas. A francesa é um bocadinho mais racista*

Participante 6: *É, nota-se*

Participante 7: *É nota-se como tem acontecido ultimamente... com a expulsão dos ciganos ...*

Participante 5: *Isso é muito sensível. Isso é muito sensível dizer... Dizer “o povo é assim”, é extremismo.*

Participante 8: *Eu não tou a dizer... Em comparação com o português é... em comparação com o português é..*

Participante 6: *Nós vimos o racismo deles há pouco tempo, há poucos anos na França, por causa do racismo.*

Participante 8: *Eu posso dizer isso porque eu vivo muito da cultura francesa. Eu posso dizer que é. Em comparação com a portuguesa é. O português tem muito mais facilidade em acolher imensos povos. Basta ver a quantidade de estrangeiros que nos temos em Portugal.*

É de ressaltar, que na altura dessa discussão, em Outubro de 2010, havia ocorrido em França um episódio da expulsão dos ciganos que tornou-se muito polémico e mediático. Esse tema ainda era o assunto do dia nos *media portugueses* sendo referido na discussão sobre a imagem do “*povo francês*”.

O relato da estudante que teve início por uma razão (ter nascido no estrangeiro mas ter crescido em Portugal e por este motivo ter consciência das dificuldades de integração dos colegas de escola, filhos dos emigrantes, recém-chegados de França e que falavam somente o idioma francês) sofreu uma alteração de rumo dando início a uma discussão sobre qual povo seria acolher (Portugal ou França). Passou a ser discutido o facto de *Portugal ser um povo melhor do que o povo francês e dos franceses serem racistas*. Estas afirmações são generalizações e atribuem determinadas

características a todos aqueles pertencentes a um determinado país somente pelo facto de lá terem nascido (*o povo português é ..., o povo francês é ...*).

Num outro ponto da discussão em grupo, foi perguntado aos participantes se estes teriam vontade de fazer um intercâmbio em outro país. Um estudante (Participante 7) referiu, veemente, que viveria somente na Europa.

Eu gostava mas tenho medo. (...) Ficava na Europa, isso era certo. (...) De preferência um país latino. (...) Talvez por ser mais próximo de Portugal. Ter uma cultura idêntica. E integração ser mais fácil.

Contudo, mais à frente, ainda a propósito desta questão, disse:

Participante 7: (...) *quando eu disse fora da Europa, esqueci-me do Brasil. Mas também iria para lá.*

O estudante explicou a razão pela qual escolheria o Brasil como destino para um intercâmbio que serviu de mote para vários alunos revelarem um desconhecimento em relação aos países da CPLP.

Participante 7: *Por causa da língua... ou do acento* [risos]

A moderadora ao dizer, que sendo a língua a razão da escolha, haveria também outros países que falavam português, os outros elementos do grupo complementaram dizendo *Os PALOP* e *África* e um deles (Participante 6) reagiu: *África não tem universidades.*

Nesse momento, muitos estudantes passaram a falar simultaneamente e o Participante 7 disse: *Tem universidade, só que não sei, sei lá. África do Sul, por exemplo.* Enquanto um participante disse *“Angola, país pobrezinho”* e um outro disse *“Coitados”*, diferentes participantes disseram *“Pobre não”*; *“Pobre nada”*; *“Pobres uns, ricos outros”*.

Os participantes citaram Moçambique e Angola para exemplificar o que denominavam *“países pobres”* e referiram que *As pessoas dizem que Luanda é a capital mais cara.* O Participante 7 voltou a manifestar-se: *Oh sei lá, não sei explicar o porquê.* Uma participante disse: *Acho que a Polónia é mais barato;* outro estudante disse que preferia *Brasil ou Europa* e o Participante 7 fala em *Itália, Espanha.* Um colega completou a dizer (...) *Pois é mais próximo de Portugal. (...) a integração é mais fácil* e o outro conclui *Sim, ficar na Europa.*

Na sequência desta conversa e a respeito do que conhecem sobre a cultura do outro, o Participante 6 disse:

Há umas poucas reportagens interessantes que até falam disso, até interessante por acaso. (...). Após o telejornal. (...) Reportagens especiais que falam de cultura, da África, dos “pretinhos”, e tal. Por acaso é interessante. Poucas reportagens especiais que até falam nisso.

Ainda em relação ao que os estudantes pensam sobre os meios de comunicação social mostram sobre as outras culturas

Participante 6: *Na minha opinião, acho que eles tentam mostrar a cultura que existe. Só que não conseguem... tá ultrapassada a cultura deles. E a gente não liga muito à cultura deles porque é uma cultura ainda um bocadinho.. apesar de haver muitas.. coisinhas que eles têm lá... muitas “artimanhas”, se podemos dizer assim. Acho que a cultura deles... está bem ultrapassada. Porque eles vivem...*

Quando o Participante 6 foi indagado sobre quem se referia ao dizer “A cultura deles”, respondeu “Angola...”.

Outros participantes complementaram:

Participante 6: *Tá ultrapassada não. A cultura deles nunca chegou foi à nossa. Não é estar ultrapassada.*

Participante 2: *Eles têm cultura... Eles têm a própria cultura deles. Agora se estão a falar de mesmo nível de vida, aí é bem desequilibrado. Porque enquanto existem 100 a passar fome, um tem comida para deitar fora. Lá, lá. Agora eles têm a própria cultura, cada nação tem. (...). Não se deve comparar culturas. Não se deve achar que uma é superior a outra.*

Participante 7: *Porque nenhuma é superior a outra.*

Participante 2: *Lá está, sim, é isso que tou a tentar dizer. (...)*

Participante 6: *Porquê tamos partindo do pressuposto que quando nós falamos em cultura não falamos em ‘cultura africana’. Falamos ‘Vamos para a Itália, vamos para o Brasil, vamos para Inglaterra...’ Porque não “vamos para a África”? Porquê?(...) Porquê nós não temos o conhecimento sobre a cultura deles. (...) A televisão, as reportagens querem passar isso porque não existe um conhecimento específico sobre uma cultura africana. Há sim “tem uma dancinhas”, fazem não sei o que,(...) e tal.. mas não há um específico do que é uma tribo, por exemplo, africana. Quando nós falamos em Erasmus, não falamos da África por exemplo. Países onde há muitos serviços, onde há muitas disponibilidades. Mas se nos pensássemos um bocadinho também podíamos criar algo para estes países... africanos. (...).*

Ao ser questionado sobre ter dito que à partida não tinha interesse em ir para esses países o participante disse:

Participante 6: *Pois não, pois não... A língua não é portuguesa sem ser Angola...*

E a discussão continuou:

Participante 7: *Em África fala-se o que então? Tirando África do Sul...*

Participante 6: *Fala-se inglês, francês...*

Participante 1: *Francês, no Congo...*

Participante 7: *Também nesses paizitos, assim (...)*

Participante 1: *Que “paizitos assim”?*

Participante 7: *Nesses pequeninos fala-se francês porque foram ex-colónias francesas. Setenta por cento da África fala português.*

Participante 6: *Quanto?*

Participante 1: *Setenta por cento? Acho que tá a exagerar! Muito!*

Participante 6: *Vá, trinta já é muito. Tá a exagerar. (...) São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, Moçambique. Mais ninguém, não tem mais ninguém.*

No entanto, mais a frente da discussão, mesmo após a conversa anterior, o Participante 7 apresenta o seguinte comentário:

Pera lá, eu a estudar? Imagina que havia uma universidade em Cabo Verde. Eu fazia Erasmus em Cabo Verde.

Quando o estudante foi informado, novamente, de que havia universidade em Cabo Verde, ele disse “Ah é? Ele [referindo-se a um outro colega] falou em praia e eu brinquei um bocadinho, mas...” e na sequência, o referido colega (Participante 5) disse “Eu também brinquei...”.

Isso para justificar o que havia dito anteriormente:

Participante 5: Eu sou muito honesto, eu, se tivesse muito dinheiro, gostava de passear pelo mundo inteiro. No caso do Erasmus, não pensei nisso. Ainda é uma coisa que eu não equacionei e, provavelmente nem o farei. Mas podemos pensar noutras coisas. Isso pode ser altamente positivo para ... hãhã... a nossa..., para a forma como pensamos. É é, o estar estrangeirado, ee, pode abrir correntes de ar na cabeça. Muitas vezes, no caso da ciência, da investigação, não estou falando só sociologia, ciência social, engloba bastante investigação. Julgo que é importante as pessoas contactarem com outras cul., com outras aberturas. Que em Portugal provavelmente não. Portugal é um país pequeno mas o mais grave ainda é que é fechado por causa da pequenez. Então, se olharmos para dentro da nossa sociedade portuguesa de fora, com olhos estrangeirados, isso seria muitíssimo positivo para nós.... nessa perspectiva, bem.. mas preferia ir para praia ou...

No outro grupo focal, composto por estudantes cabo-verdianos, um participante, sem ter conhecimento da temática tratada pelo grupo português, apresentou a sua opinião acerca do que acredita ser “a imagem que os portugueses têm da África, e, em particular, de Cabo Verde”.

Participante 1: Alguns portugueses conhecem [Cabo Verde] por ter ido à Ilha do Sal, Santiago. Mas a maior parte da população, (...) da população portuguesa não tem conhecimento da realidade que existe em cada país da África. Normalmente o que fazem? Generalizam com base naquilo que eles veem no canal RTP África. Ou seja, pensam que todos os países da África têm uma..., têm assim uma característica tribal ou uma vida assim na floresta. Num ambiente muito rural. E em relação mesmo ao conhecimento que eles têm da cultura africana e da cultura de cada um dos países é muito baixo, muito fraco. (...) Não sabem rigorosamente nada sobre... sobre... e depois veem a África... mas isso não é só os portugueses... tou a falar mesmo da comunicação social. Normalmente quando... veem a África, os países africanos sempre como é o todo. Sempre falam da África assim “vou de férias para a África” não dizem assim “vou para o Senegal” ou “vou para Cabo Verde”, dizem “vou para África”. Essa mentalidade que está incutida nos portugueses de que a África é tudo igual e de que a sociedade africana é uma sociedade tribal. Isso é muito mal.

O seu colega de grupo concordou com a sua posição e complementou dizendo:

Participante 4: Eu acho que os europeus, em geral, só consomem em termo de África a parte do turismo, só querem saber e saber esta parte, desfrutarem disso e pronto. Tanto que a África é o único continente. Tanto que posso perguntar aqui numa pesquisa. Seria bem interessante pedir para um português denominar 5 países africanos. Poucos vão conseguir fazer. (...) A maioria só conhece a Ilha do Sal. Mas é uma ilha distinta das outras. La são 10 ilhas diferentes umas das outras. Não se pode generalizar...

Curiosamente um participante do grupo português abordou, de forma espontânea, um assunto que também havia sido ressaltado por um participante do grupo focal com os cabo-verdianos. A partir desse comentário, na sessão de grupo focal com os portugueses, houve reações distintas relativamente ao que esse participante havia dito.

O participante do grupo português ressaltou os *media* contribuem para uma imagem dos países africanos que é transmitida às pessoas. Nessa exposição o estudante conta sobre um hotel luxuoso construído em Moçambique. Ainda que esteja a narrar essa história, em específico, que fala de riqueza e elite, o participante refere que os *media* apresentam uma imagem “limitada” e “parcial”. O participante, sem se aperceber, acaba por fazer aquilo que um estudante cabo-verdiano criticou numa outra sessão de grupo focal. Ao referir um país específico (Moçambique) como sendo parte de um todo (África) e destacando os pontos negativos (crime, problemas sociais) e acabou por trazer à tona algo que nem era abordado naquela reportagem (que falava de riqueza e elite).

Participante 1 (grupo português): *Em Moçambique criou um hotel 5 estrelas. Com tudo... Com o melhor. É só para as pessoas mais abastadas. Que tem muito mais dinheiro. E esse sítio, eu só fiquei a saber que existia em Moçambique porque o repórter tava a atravessar fronteiras em África e então passou lá perto e só estrelas de cinema americano, de Hollywood, iam para lá porque aquilo era mesmo muito caro. Não é para a classe média portuguesa. E sempre que os media falam da África, sempre pelos problemas sociais, crime, e as pessoas ficam com má imagem. (...) mas não deixa de existir. Isso é um grande “não” para as pessoas. “Não vou para lá porque posso por a minha vida em perigo”.*

Outro assunto que surgiu espontaneamente na discussão do grupo focal dos cabo-verdianos foi relacionado às diferenças culturais e a forma como se veem enquanto “povo cabo-verdiano” em relação aos outros.

Participante 1 (grupo cabo-verdiano): *Mesmo fora da classe estudantil, tou a falar dos cabo-verdianos que vêm com visto de trabalho (...) acolhem estranhos na casa deles no período de um mês, dois meses, três meses até encontrem trabalho. (...) eu acho que como um país assim de ‘povo pobre’ somos muito solidários e essa é uma coisa positiva que nós temos, nós os cabo-verdianos. Relativamente às outras comunidades, eu não vejo isso. E convivo com moçambicanos, angolanos e são-tomenses. (...) eu tenho quase a plena..., não a certeza, mas tenho quase uma ideia muita clara de que não se ajudam, não há uma interajuda entre eles. (...) Acho que essa é uma qualidade nossa [cabo-verdianos] (...). Mas também o facto de sermos pobres, às vezes, junta as pessoas. Se cada um de nós fosse rico então ninguém iria querer saber de ninguém. (...) Na residência, que é tipo uma cidade cosmopolita, que tem pessoas de várias nacionalidades, e eu já estou aqui em Portugal há sete anos, quase oito, e o que me dá uma ideia muito clara dessa realidade. Eu não vejo isso em nenhuma outra comunidade.*

Participante 2: *Não é assim, não é pelo facto de sermos pobres. É assim... Não, pobre é... O país é pobre, com certeza. O cabo-verdiano são pessoas unidas. São unidas. E são pessoas unidas e acolhedoras e não só com cabo-verdianos, digamos. Ou seja, por ser um país turístico, aquele é uma coisa que os cabo-verdianos ganham naturalmente (...) E o cabo-verdiano se é acolhedor*

com os outros, imagina entre os cabo-verdianos. Por isso, logo, logo... o cabo-verdiano quando for em qualquer país (...) convida “vamos à minha casa...”. O cabo-verdiano são pessoas quentes, alegres mas não é só com os cabo-verdianos. (...) São mais abertos com outros povos. Não é por acaso que os Erasmus, na residência era Erasmus e cabo-verdianos e não portugueses. Os Erasmus sentiam-se melhor com os cabo-verdianos, ah e com os outros, os africanos, do que com os portugueses. O cabo-verdiano é muito mais aberto, é alegre, tá aberto para tudo. Claro, com alguns limites. Mas eu falo do cabo-verdiano ser muito acolhedor, ser povo unido. A pobreza também une as pessoas. [risos do participante]

Participante 1: (...) Nós somos um país que é constituído por 10 ilhas, e damos muito bem. Por exemplo, não temos nenhum problema assim cultural. Como acontece por exemplo com a Espanha, tou a falar de Catalunha e o resto do país...

Participante 2: (...) ou até problemas étnicos como a Guiné.

Participante 1: Por exemplo, lá na Suíça, ou problemas étnicos que acontece em Moçambique, como quase tem tudo as tribos, Guiné, e por aí afora... e nós embora somos muitas cidades, há uma unidade, que é muito positivo. É muito bom mesmo.

No seguimento da conversa surge uma postura mais crítica dos participantes que referem, de forma mais frontal, as supostas características do “povo português”. A partir daí, são descritos diversos aspetos que não haviam sido mencionados anteriormente:

Participante 1: *Há bocado tavámos a falar, só um pequeno esclarecimento, de que havia mais uma interação de cabo-verdianos com os estrangeiros, os Erasmus do que com os portugueses o que até pareceu um bocadinho... mas é facto. Mesmo com os Erasmus, e eu já tive colegas Erasmus diziam que os portugueses eram muitos frios e pouco comunicativos e que tinham assim “uma mania”, ente aspas, ah, e, e, esse problema é talvez “problema dos portugueses”, não que seja nosso...*

Participante 1: (...) “criam-se grupos” [de portugueses]. Por exemplo, dentro da sala de aula, um aluno Erasmus pede, mais facilmente, pede ajuda a um estrangeiro também... não sei se, não sei se... sentem isso devido ao... porque somos também estrangeiros. Se é essa... Ou... mas eu acredito mais, pelo aquilo que muitos já me disseram, que os portugueses é que são muito distantes...

Participante 2: Não é porque nós excluímos a convivência com os portugueses para escolhermos os Erasmus que, normalmente, identificam-se connosco.

Participante 1: Somos estrangeiros.

Participante 2: Exatamente, porque somos estrangeiros também.

Participante 1: Mas também eu acho que por aquilo que dizem quase todos são dessa opinião que os portugueses é que são muito distantes... e o português ao criar essa fronteira acaba por não facilitar.

Participante 2: Acho que os estudantes cabo-verdianos muitas vezes identificam-se com os Erasmus brasileiros, espanhóis. Que quase sempre andam em comunidade. Agora andam muito mais juntos.

Contudo o Participante 1, que ressaltou os aspetos anteriormente referidos, finaliza o seu discurso afirmando novamente que com ele isso não ocorre, pois ele está bem integrado.

Eu, no meu caso, sempre me dei bem com os meus colegas de curso, seja português, seja estrangeiro. E como a sala é prioritariamente composta por portugueses, (...) de modo que em termos de realização de trabalho nunca foi um problema, nunca tive dificuldade de arranjar alguém, nem de alguém me incluir num grupo e de me integrar num grupo. E na rua também não foi muito diferente, por isso não tenho muito do que me queixar.

No seguimento, o Participante 2 desvia a “culpa” da não interação para o comportamento do cabo-verdiano e torna-se contraditório em relação há algumas afirmações anteriores.

(...) O cabo-verdiano é muito fechado em si, não permite que os outros cheguem nele. Às vezes, ao ver o cabo-verdiano a pessoa tenta aproximar-se, tipo os portugueses. Mas o cabo-verdiano não deixa que isso aconteça. Ou seja, os portugueses ajudam muito. Não sei... A maioria das vezes, e, se calhar, tentam fazer aquilo para não ser falado “pá, sou racista”, isto mais aquilo. Às vezes fazem por causa disso. Mas há muitos fazem de bom coração.

Relativamente à imagem que tem dos portugueses do Participante 2 afirma que:

(...) Não tou a dizer todo mundo. Mas às vezes, fazem isso. Não tou a dizer no meu caso específico mas muitas vezes fazem isso. Isso é verdade. Só fazem porque não querem ser mal vistos. Isso é verdade. Isso todo mundo sabe. Isso é sarcasmo. Todo munda sabe isso.

De seguida o Participante 4 enfatiza:

No meu caso quando eu cheguei (...) não havia nenhum programa da Universidade (...). Não há nenhum apoio mesmo para integrar os cabo-verdianos, nem cabo-verdianos, nem outros. (...) Houve abordagens [referiu exemplos de abordagens feitas por outros colegas] mas não na universidade, mas no dia-a-dia, no desporto, na noite, há sempre essas pessoas que [o colega] tá a dizer. Parece que querem fazer um descargo de consciência e vão ter contigo e dizem que têm amigos de raça negra, que o melhor amigo dele é de raça negra, que namorou com algum africano e não sei quê... (...) são simpáticos com você e por aí criam um descargo de consciência para sentirem bem com eles mesmos e para serem também, aí que tá, “amigo de um africano”.

E o seu colega complementa e finaliza a discussão dizendo:

Participante 2: *Tipo um “código de desculpa” para dizerem que têm mente aberta.*

Considerações finais

A partir dos fragmentos apresentados, pudemos constatar que por um lado há um desconhecimento por parte dos participantes do grupo focal português relativamente à cultura do outro, com particular destaque para a cultura dos países africanos e, por outro lado, por esta razão, há um ressentimento, que tenta ser velado mas que surge no discurso dos participantes do grupo focal cabo-verdiano. Detetámos, em ambos os grupos, posicionamentos intencionalmente positivos ou neutrais da maior parte dos participantes em relação ao “outro” de nacionalidade diferente da sua. Porém, ainda que isso ocorresse, cada um dos grupos considerou que as pessoas provenientes do seu país eram mais acolhedoras do que as dos outros. Para o grupo português é praticamente

consensual que o “povo português” é mais acolhedor do que outros povos, nomeadamente, do que o povo francês. A fim de exemplificar essa afirmação os participantes referiram um acontecimento sucedido em França, “*a expulsão dos ciganos*” a que denominaram ser uma atitude racista. Houve um único integrante do grupo que contestou esta afirmação questionando a generalização feita ao dizerem “*o povo é assim...*”. Mas ainda assim, o grupo, no geral, concordou que o português era um povo acolhedor pois tinha mais facilidade em *acolher outros povos* uma vez que havia *muitos estrangeiros a viverem em Portugal*.

Muito componentes do grupo disseram ter vontade de aprender sobre a cultura de outros países, contudo alguns afirmaram que prefeririam ter uma experiência intercultural ou intercâmbio estudantil em países que tivessem *uma cultura mais próxima a de Portugal*. Apresentaram ainda uma série de condicionantes que limitavam a possibilidade de vivenciarem uma experiência intercultural em outro país. Um participante referiu que se fosse participar de um intercâmbio iria preferencialmente para um país latino justificando que lá haveria uma *cultura idêntica* e que, portanto, a integração seria *mais fácil*. Outros disseram que iriam para países de língua portuguesa mas descartaram os PALOP. Houve uma tendência de generalização por parte da maioria dos participantes ao considerarem que a cultura africana não despertava interesse no “povo português”. Um participante afirmou que *o conceito de cultura não englobava a cultura africana* e que *esta seria algo ultrapassado*. Essa discussão apontou um desconhecimento em relação à cultura dos outros povos com particular ênfase para a cultura dos países de África.

Em contrapartida, os integrantes do grupo cabo-verdiano apontaram aspetos detetados sobre a “povo português” e apresentaram aquilo que entendem ser a imagem que os portugueses têm de Cabo Verde e dos países de África. Os integrantes desse grupo revelaram consenso ao referirem o facto de os portugueses não saberem sobre a cultura existente em cada país da África, destacaram a recorrência das generalizações feitas. Segundo eles os portugueses *pensam que todos os países da África têm (...) uma característica tribal ou uma vida (...) na floresta*. O grupo considera ainda que os meios de comunicação social têm responsabilidade por transmitir uma imagem limitada dos países africanos já que *a maior parte da população (...) portuguesa não tem conhecimento da realidade que existe em cada país da África. (...) Generalizam com base naquilo que eles veem no canal RTP África*”.

Relativamente ao que pensam sobre si mesmos, os participantes cabo-verdianos tiveram um discurso dual. Na discussão em grupo autoidentificam-se como sendo um povo *muito solidário*. Um participante afirmou não ver isso em nenhuma outra comunidade e disse não ter a certeza, *mas quase uma ideia muito clara de que*, por exemplo, os são-tomenses *não se ajudam, não há uma interajuda entre eles*. E assim como os participantes portugueses haviam referido sobre si próprios enquanto “povo”, os participantes cabo-verdianos também se autoidentificaram como povo acolhedor e justificaram dizendo que são *pessoas unidas e acolhedoras e não só com cabo-verdianos (...) por ser um país turístico, (...) os cabo-verdianos ganham naturalmente (...) E o cabo-verdiano se é acolhedor com os outros, imagina entre os cabo-verdianos*.

Os participantes cabo-verdianos ressaltaram ainda que os estudantes estrangeiros que estão em universidade portuguesas por causa de programas de intercâmbios e que vivem nas residências interagem mais com os cabo-verdianos do que com os portugueses. Os participantes explicaram que isso se prende com o facto de os cabo-verdianos serem *pessoas quentes, alegres (...), serem mais abertos com outros povos*.

No seguimento desta afirmação um participante explica que esses estudantes estrangeiros disseram que *os portugueses eram muitos frios, pouco comunicativos e que tinham assim “uma mania”*, e, para o participante talvez seja um *“problema dos portugueses”*, não dos cabo-verdianos. Mas curiosamente todos os participantes cabo-verdianos referiram que com eles não houve dificuldades de interação com os portugueses.

A partir daí houve uma alteração do discurso. Os participantes que haviam destacado anteriormente a frieza do povo português, a seguir afirmaram que afinal não eram todos os portugueses que agiam ou comportavam-se assim. Um dos participantes enfatizou que a decisão de não interagir com portugueses é do cabo-verdiano que é *muito fechado em si, não permite que os outros cheguem nele*. Esse foi outro aspeto que provocou uma alteração no discurso dos participantes, já que anteriormente haviam afirmado que os cabo-verdianos eram acolhedores e interagiam entre si e com os outros. Aqui cabe referir que a forma como percebemos e imaginamos o mundo e as relações sociais está condicionada por “múltiplos e diversos fatores, que vão desde a ordem económica internacional até à diferente experiência histórica, fatores permanentemente cruzados com o campo das representações sociais” (CABECINHAS & CUNHA, 2008, p. 8).

A discussão de grupo foi finalizada com a observação por parte dos participantes cabo-verdianos de que o comportamento simpático dos portugueses seria devido a uma preocupação em não serem apontados como “*racistas*”. Destacaram novamente que esse comportamento não era generalizado mas que havia aqueles portugueses que se preocupavam em estabelecer uma “relação” com um africano apenas com o intuito de anunciar que tinha “*um amigo africano*”. Segundo esses participantes, a atitude dos portugueses teria um teor de *descargo de consciência*, sendo uma demonstração de *mente aberta por parte deles* e funcionando como uma espécie de “*código de desculpa*”.

Conclusão

Em consonância com o que já foi referido em estudos anteriores, trabalhar as questões da interculturalidade não é somente cruzar e analisar os vários relatos dos participantes mas mais que isso é importante ter em conta que cada um deles transporta consigo uma enorme desigualdade (CABECINHAS & CUNHA, 2008, p. 7).

Identificámos como aspetos recorrentes nos relatos dos estudantes que estes demonstraram que estar confrontados com o outro potencializava aspetos da *identidade cultural*. Para Stuart Hall (2011) atualmente existe uma “crise de identidade”. Para o autor “o sujeito da atualidade não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” mas sim uma identidade “formada e transformada continuamente” em relação ao modo como somos representados (HALL, 2011, p. 12-13). Na análise das conversações dos dois grupos focais reportados neste artigo, verificou-se uma tendência para categorizar o *nós* e o *outros* em função da sua nacionalidade. Foi ainda detetada uma recorrência de referências a situações/vivências em que *o estar fora de seu habitat* fortalecia o sentimento de saudosismo. Houve uma tendência para *idealização* relativamente ao país e cultura de origem. Mas ainda assim, houve uma dualidade em momentos de se autorreferenciar e de descrever o outro. Houve um cuidado em não se estabelecer uma crítica em relação ao outro, ainda que em certos momentos isso acontecesse de forma declarada e incisiva. Contudo, pode-se avançar, através de uma análise preliminar dos relatos dos participantes, que foram identificadas situações em que as diferenças culturais percebidas entre grupos foram invocadas para explicar determinados

acontecimentos vivenciados. Essa situação pode ser compreendida a partir do que Stuart Hall referiu ser o comportamento do sujeito pós-moderno. Na sua conceção, esse sujeito dos tempos atuais, “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente”. Esse comportamento se explica pelo facto de “à medida em que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2011, p. 13).

Estas são algumas pistas que encontramos para dar continuidade à investigação em curso. Como dissemos anteriormente, este trabalho ainda está em execução e ainda decorrerão sessões de grupos focais assim como outras tarefas previstas. Uma base de dados será construída após a finalização das entrevistas em grupo e individuais. As outras etapas, atualmente em andamento (como recolha de notícias sobre o assunto publicadas nos *media* e categorização da legislatura portuguesa e europeia acerca da temática da interculturalidade e diversidade cultural), irão fornecer material, juntamente com as observações recolhidas nos grupos focais e nas entrevistas, que contribuirá para uma reflexão pormenorizada acerca dos discursos, significados e representações da interculturalidade para os estudantes das universidades portuguesas.

Referências bibliográficas

BERRY, J. W., “Immigration, acculturation and adaptation. Applied psychology”. An International Review, 1997, 46(1), pp. 5-34.

CABECINHAS, R., “Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise”. Em: Baptista, M.M. (ed.) *Cultura: Metodologias e Investigação*. Ver o Verso Edições: Lisboa, 2009, pp. 51-66.

CABECINHAS, R., Preto e Branco. A Naturalização da discriminação racial. Campo das Letras: Porto, 2007.

CABECINHAS, R. & CUNHA, L. (eds.) Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. Campo das Letras: Porto, 2008.

CARVALHEIRO, J. R., Do Bidonville ao Arrastão - Media, Minorias e Etnicização. Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa, 2008.

COMITÉ DAS REGIÕES. Educação Intercultural na União Europeia – Acção Local, Regional e Inter-Regional. Exemplos e Boas Práticas. Serviço das Publicações das Comunidade Europeia: Bruxelas, 1999.

COMISSÃO EUROPEIA. Comunidade do saber – Educação intercultural na Europa. Serviço das Publicações das Comunidade Europeia: Bruxelas, 1994.

FERIN CUNHA, I.; SANTOS, C. A.; FILHO, W.S. & FORTES, I., Media, Imigração e Minorias Étnicas – 2005-2006. ACIDI: Lisboa, 2008.

FERIN CUNHA, I. (org.) A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção. Quimera: Lisboa, 2006.

GARZÓN, E. I., “Buenas prácticas para periodistas en el año europeo del diálogo intercultural”. Em: Comunicación e Ciudadanía, nº 6, 2008.

HALL, S., A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A: Rio de Janeiro, 2011.

LAMO DE ESPINOSA, E. et al (org.). Dicionario de Sociología. Alianza Editorial: Madrid, 1998.

LIVINGSTONE, S.; COULDRY, N. & MARKHAM, T., Media Consumption and the Future of Public Connection, Project Report. London School of Economics and Political Science, Londres, Reino Unido, 2006. (www.publicconnection.pt).

LOBO, P., & CABECINHAS, R., “Towards an understanding of gender disadvantages in the access to the public debate: the negotiation of meanings in the evening news”. Em: *International Communication Gazette*, 2010, n. 72, pp. 339-358.

MORGAN, D. L., Focus Groups as Qualitative Research. 2nd Edition. Qualitative Research Methods series, Vol. 16. Sage: London, 1997.

MORGAN, D. L., The Focus Group Guidebook. Thousand Oaks, CA/ Sage: London, 1998.

MUNDAY, J., “Identity in Focus: The use of focus groups to study the construction of collective identity”. Em *Sociology*, 2006, n. 40, pp. 89-105.

ROCHA-TRINDADE, M. B. (coord.) Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos, nº. 5, Mem Martins: Europa-América, 1998.

VAN DIJK, T., Racismo y analisis crítico de los medios. Paidós: Barcelona, 1997.

ZLOBINA, A. & PÁEZ, D., “Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España”. Em: Cabecinhas, R. & Cunha, L. (eds.) *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Campo das Letras: Porto, 2008, pp. 37-59.

WIEVIORKA, M., *La différence. Identités culturelles: enjeux, débats et politiques*. Paris: Balland: Paris, 2001.

Documento consultado

Relatório Mundial da Unesco. Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural, 2009. (<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/relatorio-mundial-da-unesco-investir-na-diversidade-cultural-e-no-dialogo-intercultural/>, consultado em outubro de 2011).